

14-3-946

# NO TEMPO

## das vacas magras

São realmente um tanto inquietadoras a notícias que nos vão chegando da escassez mundial de géneros alimentícios. A fome instalou-se por toda a Europa, onde a tuberculose vai causando horribes desgastes, sobretudo entre as crianças e os jovens. Os homens de Estado dos principais países do mundo não cessam, perante a gravidade da situação, de nos advertir muito a sério dos sombrios dias que nos esperam.

Nem admira que assim seja. Seis anos de guerra devastadora como outra não houve, não só privaram a agricultura dos braços indispensáveis, como destruíram áreas enormes, outrora fecundas e progressivas. Acrescentemos ainda a multidão de homens empregados na ocupação de territórios inimigos, as necessidades militares de um mundo ainda sem paz, e as exigências de mão de obra das indústrias de armamentos, e teremos a chave do enigma da carência mundial de subsistências.

Nem se prevê melhoria imediata da situação. A terra não produz ilimitadamente como pode a indústria produzir. Para cada colheita são necessários tempo e trabalho, além de condições climatéricas favoráveis. Temos de contar, portanto, com mais alguns anos de vacas magras, a complicar de cada vez mais a vida internacional.

E não tenhamos nós a pretensão de escapar de todo ao flagelo. Ele atingirá a todos indistintamente, embora nem sempre no mesmo grau de acuidade.

Mas, se não podemos constituir no mundo uma excepção, as condições especiais em que temos vivido e nos têm garantido a paz impõem-nos obrigações, a que não poderemos faltar sem desonra. Não falamos do dever de acudir com o nosso supérfluo à miséria alheia (porque necessitados também nós somos), mas de tomar consciência do muito que poderemos contribuir para melhorar a situação internacional, se tudo fizermos para nos bastar a nós próprios. Seremos então mais um povo a não estender a mão suplicante ao pequeno lote que aos outros sobeja.

Perante a falta mundial de subsistências, o dever é claro: aumentar ao máximo a nossa produção.

E voltamos sempre ao tema predilecto. A própria solução do problema social, está mais em produzir do que em distribuir. Quando há pouco, torna-se com efeito mais notado e amaldiçoado aquele que a si se arroga maior quinhão. E, como bem diz o povo, onde falta o pão, todos rebulam sem razão.

Nas circunstâncias alélicas em que o mundo se encontra, porém, aumentar, por todos os meios, a produção é um dever indeclinável que a todos incumbe, e que não é tão difícil de cumprir, como pode parecer. Bastará, para tanto, espírito de iniciativa, estímulo oficial e colaboração de todos na tarefa comum.

Um exemplo notável desta imensa possibilidade vem-nos dos Estados Unidos, onde aliás a enorme prosperidade encontra a sua explicação na também enorme produção.

O milho constitui a maior colheita da América, não só em área cultivada como em quantidade e valor. Pois, cultivando-se este precioso cereal, há milhares de anos, sempre da mesma forma por toda a parte,

acabam os americanos, com o seu espírito prático e investigador, de descobrir um novo sistema que vem revolucionar e fazer prosperar a cultura do milho, de maneira inatendida. Trata-se do princípio simplicíssimo da selecção das sementes, pelo hibridismo. Depois de vários anos de labor, obteve-se milho híbrido, cuja produção é muito mais abundante em quantidade, rica em qualidade e fácil em processos.

Transcrevemos de «Seleccções» de Dezembro de 1945, onde se descrevem os novos métodos de cultura:

«A variedade infinita das aplicações do milho estende-se muito além do seu uso primordial como alimento e forragem. Presentemente, mais de 30 indústrias diferentes, desde artigos de algodão até aços e explosivos, dependem do milho e seus subprodutos. No ano passado, mais de 50 milhões de quilos de «dextrina adesiva», uma espécie de amido torrado, foram usados nos mais variados fins adesivos, desde a goma-arábica dos envelopes e cigarros, até coladores de matrizes na fundição de alumínio.

«O milho, além disso, está sendo muito usado pela medicina, desde a fabricação da penicilina, da sulfanilamida e vitamina (C) sintética, até à riboflavina para o enriquecimento nutritivo do pão e alimento para diabéticos. O ácido láctico produzido pelo milho está sendo usado como preventivo nos choques traumáticos produzidos por queimaduras.

«A haste do milho é usada na fabricação de papel e papelão grosso para paredes. Os sabugos são aplicados em diversos fins, desde a produção de gasolina e purificadores de água até à fabricação de matéria plástica. As folhas do milho produzem nitro-celulose: o álcool extraído do milho desempenha parte vital na fabricação de material de guerra da importância da borracha sintética, vidros à prova de estilhaços, vernizes e explosivos. A bem dizer, o milho na actualidade vem sendo utilizado em centenas de fins industriais e alimentares, e os pesquisadores, em seus laboratórios, estão novamente encontrando novas aplicações.

Entre nós, com a carestia da batata, está sendo prejudicada gravemente a cultura do milho, que se torna, pensam os agricultores, menos compensadora.

Que este exemplo dos Estados Unidos possa despertar iniciativas também entre nós. Que elas encontrem, da parte das entidades oficiais, aquele amparo e carinho que têm obrigação de oferecer a quem se devota ao bem comum. Só assim poderemos sair duma agricultura rotineira que nos vem arrastando à pobreza colectiva. Se não somos capazes de sair desta mesquinhez de visão em que temos vivido, o melhor será perdermos a esperança de vir a ser «uma grande e próspera nação».

A fome e o sofrimento, para alguma coisa não-de, porém, servir. Que nos tragam, ao menos, a consciência de que somos um povo atrasado que muito tem de se transformar em hábitos e iniciativas, para se impor ao respeito do mundo.

A abundância só mete medo aos espíritos tacanhos e avarentos. Não a recebeu o povo americano. Por isso mesmo, nenhum como ele tem sido no mundo um exemplo e uma esperança.